

O RACISMO ESTRUTURAL EM FACE DA LOCALIZAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE DO IFBA.

Beatriz Santos Menezes ¹

Davi de Souza Ferreira ²

Lucas de Tadeu Silva Chaves Teixeira ³

Fernando de Azevedo Alves Brito ⁴

RESUMO

Na literatura acadêmica brasileira, costuma-se apresentar três concepções de racismo: a individualista, a institucional e a estrutural. O presente trabalho será norteado pela visão do racismo estrutural, que é compreendido como um reflexo da estrutura social. Ao abordar essa perspectiva, desprende-se da ideia de que atos racistas precedem exclusivamente da intencionalidade de indivíduos ou instituições, revelando, em vez disso, como o racismo está enraizado e naturalizado nas dinâmicas sociais. No município de Vitória da Conquista, existem três Instituições públicas de Ensino Superior (IES): o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Considerando a localização das sedes dessas Instituições, salta aos olhos o fato de que apenas o IFBA possui uma sede localizada em um bairro “popular”, o Zabelê, enquanto a UFBA e a UESB têm suas sedes em um bairro “nobre” do Município, o Candeias. Tendo em vista essa realidade, a presente pesquisa objetiva investigar como a localização da sede do IFBA contribui para diminuir a influência do racismo estrutural em Instituições de Ensino Superior públicas no Município de Vitória da Conquista. Para tanto, a seguinte temática será norteada mediante pesquisa exploratória, que recorrerá à revisão bibliográfica e à análise documental, diante da necessidade de estudar fontes bibliográficas e documentais sobre o tema. Entendeu-se, por fim, que a localização de IES públicas em bairros “populares”, cujas populações apresentam uma maior concentração de pessoas pretas e pardas, a exemplo do que ocorre com o IFBA, Campus Vitória da Conquista, possibilita o acesso e a permanência dos estudantes de baixa renda no ambiente escolar, bem como favorece a promoção de atividades culturais e a execução de projetos de pesquisa e de extensão em benefício de suas respectivas comunidades.

Palavras-chave: Instituições de Ensino Superior, Racismo Estrutural, IFBA, Vitória da Conquista.

¹ Graduanda do Curso de Engenharia Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Vitória da Conquista. Discente vinculada ao Núcleo Pós-humanista de Pesquisa em Saberes e Direitos Animais, Ambientais e Cibernéticos (Núcleo Suíça) e ao Grupo Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (GITI) do IFBA, Campus Vitória da Conquista. E-mail: menezesbeatriz2021@gmail.com;

² Graduando do Curso de Engenharia Ambiental do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Vitória da Conquista. E-mail: lucasdtadeu@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Engenharia Ambiental do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Vitória da Conquista. E-mail: dsferreira0705@gmail.com;

⁴ Orientador: Professor de Direito do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Vitória da Conquista. Doutor em Direito (UFBA). Mestre em Ciências Ambientais (UESB). Líder do Núcleo Pós-humanista de Pesquisa em Saberes e Direitos Animais, Ambientais e Cibernéticos (Núcleo Suíça) e ao Grupo Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (GITI) do IFBA, Campus Vitória da Conquista. E-mail: fernando.brito@ifba.edu.br



INTRODUÇÃO

Em sua obra “O que é racismo estrutural?” o professor e pesquisador Silvio Luiz de Almeida aborda a diferença das três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural. A concepção individualista é disposta como uma espécie de “patologia” ou anormalidade, que destaca não haver sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo (Almeida, 2018, p. 25). Sob a perspectiva institucional o autor ressalta que o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é analisado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confirma, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (Almeida, 2018, p. 26).

Ainda de acordo com (Almeida, 2018, p. 33) à concepção estrutural baseia-se devido a estrutura social, isto é “do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

Segundo (Garcez, 2021, p. 70) “O racismo estrutural é o termo usado para reforçar o fato de que há grupos sociais estruturados com base na discriminação que privilegia algumas raças em detrimento das outras”.

A partir dessa compreensão, é possível observar que o racismo estrutural se materializa também na configuração espacial das cidades, refletindo-se na forma como os serviços e Instituições públicas de Ensino Superior (IES) são distribuídos no território urbano. Em Vitória da Conquista apenas o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) apresenta sua sede localizada no bairro Zabelê que segundo panorama do Censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o mais populoso de Vitória da Conquista, com uma população estimada de 37.559 pessoas. Enquanto a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) têm suas sedes em um bairro “nobre” do Município, o Candeias. Essa diferença espacial revela como a segregação socioespacial, produto do racismo estrutural, influencia o acesso à educação e a mobilidade social.

Diante dessa realidade, a localização do IFBA contribui para diminuir a influência do racismo estrutural em Instituições de Ensino Superior públicas no Município de Vitória da Conquista, pois possibilita o acesso e a permanência dos estudantes de baixa renda no ambiente escolar, bem como favorece a promoção de atividades culturais como o Curta 5



Festival Estudantil de Curtas realizado pelo IFBA, que tem o objetivo incentivar e promover a produção de vídeo estudantil como ação pedagógica e interdisciplinar, vídeos esses idealizados pelos estudantes do ensino integrado do próprio campus. Esses vídeos são reproduzidos para a comunidade interna e externa, com isso, favorecendo para o público o acesso à cultura e ao audiovisual. Bem como também, o campus possibilita a execução de projetos de pesquisa e de extensão em benefício de suas respectivas comunidades.

METODOLOGIA

Dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do município de Vitória da Conquista trouxe a relação do total de moradores de cada bairro juntamente com a respectiva cor/raça de cada morador, que estão apresentados na tabela 1. Por meio da tabela confirma-se o Zabelê sendo o bairro com maior população, como também o de maior concentração de pessoas pretas e pardas, desse modo, ressaltando a importância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA) como agente potenciador no acesso à educação e a cultura, para os moradores do bairro Zabelê. Em seguida, com os dados do bairro Candeias, observa-se que ele é o 6º bairro mais populoso do município, ficando atrás do Zabelê, Alto Maron, Boa Vista, Patagônia e Espírito Santo.

Ao analisar as sedes das outras duas Instituições públicas de Ensino Superior (IES), UESB e UFBA, usa-se apenas a título de comparação com a sede do IFBA, para que possa ressaltar o impacto positivo de um Instituto Federal em bairro dito “popular”, indo desse modo em contrapartida a realidade dos outros dois polos de educação. De acordo com (Negri, 2008, p. 22) “No caso do Brasil, a maioria das pesquisas demonstra que o principal tipo de segregação encontrada é socioeconômica, por meio da qual as classes sociais distribuem-se de forma desigual no espaço urbano...”



Tabela 1. Relação de dados de cor/raça dos bairros de Vitória da Conquista.

Bairro	Total de Pessoas	Pessoas Brancas	%	Pessoas Pretas	%	Pessoas Amarelas	%	Pessoas Pardas	%	Pessoas Indígenas	%
Centro	10.114	4.138	40,9%	994	9,8%	21	0,2%	4.938	48,8%	11	0,1%
Guarani	7.832	2.456	31,4%	1.083	13,8%	3	0,0%	4.272	54,5%	14	0,2%
Cruzeiro	9.083	2.082	22,9%	2.105	23,2%	0	0,0%	4.875	53,7%	14	0,2%
Alto Maron	28.441	8.777	30,9%	4.759	16,7%	10	0,0%	14.787	52,0%	69	0,2%
Recreio	6.176	3.072	49,7%	378	6,1%	15	0,2%	2.698	43,7%	5	0,1%
Jurema	5.344	1.703	31,9%	730	13,7%	0	0,0%	2.902	54,3%	4	0,1%
Brasil	18.131	6.383	35,2%	2.052	11,3%	5	0,0%	9.669	53,3%	11	0,1%
Ibirapuera	17.032	5.792	34,0%	2.093	12,3%	6	0,0%	9.100	53,4%	30	0,2%
Nossa Senhora Aparecida	4.551	1.166	25,6%	786	17,3%	0	0,0%	2.586	56,8%	11	0,2%
Primavera	8.329	2.750	33,0%	1.012	12,2%	6	0,1%	4.540	54,5%	11	0,1%
Candeias	18.983	9.737	51,3%	1.102	5,8%	19	0,1%	8.065	42,5%	22	0,1%
Boa Vista	27.079	9.347	34,5%	3.291	12,2%	11	0,0%	14.364	53,0%	39	0,1%
Felícia	16.070	5.710	35,5%	1.685	10,5%	21	0,1%	8.620	53,6%	14	0,1%
Patagônia	26.076	6.896	26,4%	3.947	15,1%	24	0,1%	15.039	57,7%	35	0,1%
Bateias	13.381	3.853	28,8%	1.715	12,8%	4	0,0%	7.772	58,1%	20	0,1%
Zabelê	37.558	11.189	29,8%	4.895	13,0%	13	0,0%	21.369	56,9%	48	0,1%
Universidade	2.289	760	33,2%	230	10,0%	3	0,1%	1.291	56,4%	3	0,1%
Espírito Santo	20.456	4.583	22,4%	2.905	14,2%	17	0,1%	12.899	63,1%	33	0,2%
Aírtton Senna	3.492	768	22,0%	723	20,7%	0	0,0%	1.994	57,1%	3	0,1%
Jatobá	12.257	2.618	21,4%	2.201	18,0%	13	0,1%	7.388	60,3%	25	0,2%
Campinhos	9.516	1.990	20,9%	1.751	18,4%	8	0,1%	5.751	60,4%	11	0,1%
São Pedro	6.481	1.572	24,3%	985	15,2%	13	0,2%	3.894	60,1%	10	0,2%
Distrito Industrial	4.685	1.302	27,8%	692	14,8%	0	0,0%	2.676	57,1%	12	0,3%
Lagoa das Flores	5.383	1.384	25,7%	707	13,1%	0	0,0%	3.276	60,9%	13	0,2%

Fonte: IBGE (2022)

Foi realizada uma amostragem de 5 anos (2021 até 2025) dos dados raciais dos alunos dos 5 cursos do ensino superior do IFBA, sendo esses dados obtidos pela Coordenação de Registros Escolares (CORES). As seguintes tabelas foram elaboradas pela autora.

Tabela 2. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos do curso de Bacharelado em Engenharia Elétrica.

Curso: Bacharelado em Engenharia Elétrica						
Cor/Raça	Número de alunos (2021)	Número de alunos (2022)	Número de alunos (2023)	Número de alunos (2024)	Número de alunos (2025)	Total
Amarela	3	-	-	1	1	5
Branca	139	149	151	137	132	708



Não Declarado	6	5	6	2	2	21
Parda	214	226	244	216	216	1116
Preta	22	34	41	43	51	191

Tabela 3. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos do curso de Bacharelado em Engenharia Ambiental.

Curso: Bacharelado em Engenharia Ambiental						
Cor/Raça	Número de alunos (2021)	Número de alunos (2022)	Número de alunos (2023)	Número de alunos (2024)	Número de alunos (2025)	Total
Amarela	3	3	4	3	3	16
Branca	79	80	83	77	83	402
Não Declarado	5	3	1	-	-	9
Parda	122	133	133	129	135	652
Preta	27	30	34	37	36	164

Tabela 4. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos do curso de Bacharelado em Sistemas de Informação.

Curso: Bacharelado em Sistemas de Informação						
Cor/Raça	Número de alunos (2021)	Número de alunos (2022)	Número de alunos (2023)	Número de alunos (2024)	Número de alunos (2025)	Total
Amarela	6	6	5	5	4	26
Branca	105	136	151	160	177	729
Não Declarado	10	6	6	5	5	32
Parda	159	173	205	243	259	1039
Preta	29	36	39	45	46	195
Indígena	-	-	-	1	1	2

Tabela 5. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos do curso de Licenciatura em Química.



Curso: Licenciatura em Química						
Cor/Raça	Número de alunos (2021)	Número de alunos (2022)	Número de alunos (2023)	Número de alunos (2024)	Número de alunos (2025)	Total
Amarela	3	3	4	4	5	19
Branca	46	47	43	40	36	212
Não Declarado	8	5	4	4	4	25
Parda	86	80	71	65	62	364
Preta	18	19	15	16	18	86
Outra	1	-	-	-	-	1

Tabela 6. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos do curso de Bacharelado em Engenharia Civil.

Curso: Bacharelado em Engenharia Civil						
Cor/Raça	Número de alunos (2021)	Número de alunos (2022)	Número de alunos (2023)	Número de alunos (2024)	Número de alunos (2025)	Total
Amarela	-	1	1	3	4	9
Branca	82	77	82	69	63	373
Não Declarado	3	3	3	2	1	12
Parda	110	116	113	114	129	582
Preta	14	16	18	18	23	89

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida foi feita a soma do total de alunos ao longo desses 5 anos referente à cor/raça declarada por cada aluno, para obter a porcentagem total de cada cor/raça. Presente na tabela 7 elaborada pela autora.

Tabela 7. Relação de dados de cor/raça de 2021 à 2025 dos alunos de todos os cursos.

AMARELA	BRANCA	NÃO DECLARADO	PARDA	PRETA	INDÍGENA	OUTRA	TOTAL
75	2424	99	3753	725	2	1	7079
1%	34,20%	1,40%	53%	10,24%	0,02%	0,01%	100%

Com base nos resultados obtidos, observou-se que a maior parcela dos participantes se autodeclarou parda, seguida por pessoas brancas e pretas. As demais porcentagens correspondem às categorias amarela, indígena, outra e não declarada.

Esses dados apontam que o IFBA está contribuindo de alguma forma para o acesso desses alunos, sejam esses moradores do bairro Zabelê, bem como também aqueles que vêm de uma outra localidade, dessa forma, a sede do IFBA contribui para a redução da influência do racismo estrutural na realidade desses estudantes do ensino superior.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisadora e escritora brasileira Lilia Schwarcz, discute de maneira central a questão étnico-racial no Brasil em seu livro publicado em 2012, *Nem preto nem branco*, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira. Segundo a autora, a questão do racismo no Brasil está presente desde o momento colonial, porém, até meados da segunda metade do século XIX a mesma era negligenciada ou mesmo ignorada em vários aspectos. Segundo (Garcez, 2021, p.40) “Com o fortalecimento de teorias de cunho darwinista, os critérios de cunho determinista racial tornaram não só o Brasil, mas em todo o ‘Novo Mundo’ como um laboratório de ideias e conceitos raciais”. Dessa forma, Schawrcz (2012, p.28-29) afirma que, embora houvesse uma percepção do negro como parte do corpo social brasileiro, essa temática se manteve longe das pautas sociais até meados da década de 1930, o que naturalizou e fortaleceu o racismo na primeira metade do século passado, passando uma falsa ideia de igualdade ou mesmo de “um só Brasil”.

De acordo com (Garcez, 2021, p.37):

Para tratar do racismo no Brasil, é preciso pensar o contexto histórico de formação do Brasil como nação, pautado por séculos de escravidão, pela exploração de riquezas e de dominação político-cultural de grupos oriundos da Europa. E, mesmo com o processo de abolição da escravidão, a população negra ficou lançada à própria sorte, sem a mínima integração ou reconhecimento como parte da República que se formava no Brasil. Nesse processo, a população negra, motivada pela resiliência de anos de sofrimento e dominação, passou a atuar das mais variadas formas na busca por dignidade e respeito.

Para a pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, no texto *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil*, publicado em 2007, a educação tem papel crucial no que diz respeito às relações étnico-raciais, baseado que a possibilidade de desencadear



maneiras de combate ao racismo forma homens e mulheres capazes de reconhecer e valorizar as riquezas que a cultura e o povo afro-brasileiro trazem.

De acordo (Villaça, 2011, p. 1) “O maior problema do Brasil não é a pobreza, mas a desigualdade e a injustiça a ela associada. Desigualdade econômica e desigualdade de poder político”. Ainda segundo (Villaça, 2011, p. 20):

A obscena desigualdade que existe na sociedade brasileira se manifesta na enorme segregação que se observa em nossas cidades. Essa segregação cria um ônus excepcional para os mais pobres e uma excepcional vantagem para os mais ricos. Ao contrário do que se pensa, o tempo e o espaço urbanos não são obras da natureza, mas produtos do trabalho humano.

Com base em (Carlos, 202, p. 4):

Nessa direção, a produção da segregação é definida no âmbito da produção social da cidade determinando os modos de sua apropriação numa totalidade complexa de relações sociais individualizado no curso da história. Uma história que repõe, constantemente, a desigualdade socioespacial.

Em estudo (Negri, 2008, p. 3) aborda uma contextualização sobre o surgimento da segregação socioespacial:

A partir da Revolução Industrial, a maioria dos tipos de segregação encontrados no espaço urbano ocidental são por classe ou por etnia. Mas os estudos somente começaram a ser realizados principalmente no século XIX. De acordo com as formulações de Correa, o primeiro modelo de segregação foi formulado por J. G. Kohl em 1841, geógrafo alemão. Segundo este modelo, a cidade se caracterizava por estar dividida em anéis, onde a classe alta habitava o centro enquanto que na periferia viviam os pobres. Na década de 1920, surge o modelo de E. W. Burgess que segue o caminho inverso ao de Kohl, as camadas mais ricas passam a viver nas periferias em busca de qualidade de vida e segurança, enquanto que as camadas mais pobres migram em direção ao centro da cidade em busca de minimizar as distâncias do trabalho. As polêmicas surgidas em torno desses dois modelos são em parte absorvidas pelo aparecimento do modelo do economista norte-americano Hoyt. Segundo este, o padrão de segregação não seguia um tipo concêntrico, mas em setores a partir do centro, onde a região de maiores amenidades era ocupada pela classe de mais alta renda, sendo circundada pela classe média e estando a classe pobre localizada diametralmente oposta.

Como relata Villaça, a segregação nas periferias das cidades brasileiras é involuntária. “E ainda, que não existem dois processos, mas apenas um, ou seja, quando há um vitorioso, existe um derrotado. A segregação de um se reflete na segregação do outro, dialeticamente no mesmo processo e ao mesmo tempo” (Negri, 2008, p. 5). Conforme (Garcez, 2021, p. 57)

A democratização do ensino superior público federal trouxe inúmeras contribuições do ponto de vista imediato e de longo prazo. Primeiro, pelo fortalecimento de âmbito científico e acadêmico do Movimento Negro; e segundo, pelo ingresso de uma ampla parcela da população brasileira que pode, enfim, ter acesso ao espaço público educacional que a Constituição Federal reserva como um direito de todos os/as



cidadãos/ãs. A presença cada dia maior de minorias em ambientes universitários tem fomentado a diversidade e riqueza cultural no Brasil. Somente ocupando os espaços as populações negras e pardas podem reivindicar seus direitos, uma vez que, a constituição brasileira é universal. (p. 57)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além da relação entre a distribuição geográfica de grupos étnico-raciais e a de Instituições de Ensino Superior, percebe-se como esse fenômeno influencia na disposição de espaços culturais, como museus, bibliotecas ou centros de cultura. Em Vitória da Conquista - Bahia, foram levantados quatro espaços com essas características, o Museu Regional – Casa Henriqueta Prates, que preserva patrimônio cultural da Cidade e seu entorno, representando uma importante forma de conservar e divulgar a história da região, estando ligado a Pró-reitoria da UESB, a Biblioteca Municipal José de Sá Nunes, que contém mais de quarenta e dois mil títulos, sendo a 2º maior biblioteca do estado, além de conter importantes documentos acerca das origens coloniais da região, o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, que desenvolve uma série de eventos abertos à população e atividades de cunho social e ambiental, e o Centro Cultural Glauber Rocha, realizando palestras e atividades de cunho educativo e econômico, fomentando a participação de estudantes fora de sala e a renda da área, sendo todos os locais aqui citados estão localizados em regiões centrais e/ou considerados nobres.

Também podemos citar a participação das IES na promoção de eventos que acessibilizem o acesso popular à cultura, como é o caso do do Curta V, que ocorre no município desde 2010, criado com o objetivo de promover a produção audiovisual em sala de aula, estimulando o desenvolvimento de vídeos educativos e outras atividades que incluem a participação de discentes do IFBA, escolas públicas e particulares do arredores e região, além do público externo de forma generalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, foi possível compreender que o racismo estrutural não se limita às atitudes individuais, mas está enraizado nas formas como a sociedade brasileira se organiza, manifestando-se nas desigualdades históricas, econômicas, educacionais e espaciais. A segregação socioespacial, nesse sentido, constitui uma de



suas expressões mais visíveis, reproduzindo um padrão de exclusão que distancia as populações negras e periféricas dos espaços de poder, cultura e conhecimento. No contexto de Vitória da Conquista, observou-se que a localização das Instituições de Ensino Superior reflete esse processo. Enquanto a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) estão situadas em regiões centrais e de maior prestígio socioeconômico, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), ao se estabelecer no bairro Zabelê (área popular e de significativa presença de população preta e parda) rompe parcialmente com essa lógica excludente. Sua presença nesse território amplia o acesso de estudantes de baixa renda ao ensino superior e promove o fortalecimento de vínculos com a comunidade por meio de projetos de extensão, ações culturais e atividades formativas. Dessa forma, conclui-se que o IFBA exerce papel relevante na redução dos efeitos do racismo estrutural no campo educacional e urbano, atuando como um espaço de democratização do ensino e de promoção da equidade racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Biblioteca Municipal José de Sá Nunes celebra Dia Nacional da Biblioteca - Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - PMVC. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/biblioteca-municipal-jose-de-sa-nunes-celebra-dia-nacional-da-biblioteca/>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Segregação socioespacial e o "Direito à Cidade". **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 24, n. 3, p. 412-424, 2020.

Centro Cultural Glauber Rocha se consolida na prestação de serviços gratuitos e sede de grandes eventos para a cidade - Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - PMVC. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/centro-cultural-glauber-rocha-se-consolida-na-prestacao-de-servicos-gratuitos-e-sede-de-grandes-eventos-para-a-cidade/>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Garcez, Simone Almeida. **Narrativas do racismo estrutural no Brasil contemporâneo**. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.



VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, p. 37-58, 2011.

